

PLANTAS DO CEARÁ(*)

RENATO BRAGA

CARNAÚBA — *Copernicia cerifera* (Arr. Cam) Mart. (*Corypha cerifera* Arr. Cam), da família das Palmácias.

Palmeira de grande beleza, tanto pelo porte como pela fronde, a carnaúba tem o espique linheiro, indiviso, esguio, um tanto espessado na base, de 10-20 m. de altura sobre 12-30 cm. de diametro, dividido em três partes. A primeira abrange, no comum, o terço inferior e conserva aderentes as bases dos pecíolos primitivos (*caracas*), dispostas em 8 espirais densas e eriçadas, dextorsas ou sinistrorsas as (*carnaúba cuandu*). A segunda, que é a maior porção, levemente cônica ou quase cilíndrica, apresenta-se nua (*carnaúba lisa* ou *carnaúba lavada*), e guarda dos vestígios foliáceos apenas ligeiras cicatrizes, tendo coloração brancacente ou acinzentada, raramente avermelhada ou escura. A última é o gomo terminal (*ôlho*), entre a parte lisa e a copa, em grande parte coberta por esta, de superfície rugosa, trazendo bem vivas as cicatrizes dos pecíolos, sendo um pouco mais grossa do que a secção lisa correspondente.

Quando nova, até os 4 m. de altura, mais ou menos, a carnaúba conserva, em toda a extensão do caule, os pecíolos das folhas caídas. Tem um aspecto agressivo, inabordável, advindo-lhe, por isso mesmo, o nome de *cuandu*, por lembrar o roedor com o corpo coberto de espinhos. Desenvolvendo-se o estipe, as folhas desprendem-se inteiras, mas os primitivos despojos foliares não desaparecem sob a injúria do tempo; permanecem desgastados, às vezes reduzidos a meras excrescências.

As folhas, longamente pecioladas, aglomeram-se em fronde terminal globulosa, abrindo-se em limbo orbicular ou suborbicular, de 60-100 cm. de diametro, verde-claro, flabeliforme, pregueado, multifido, constituído de

(*) Vide Revista do Instituto do Ceará, t. LXIV (1950), p. 95.

NOTA — Esta Revista, tomo LXIII, ano 1949, publicou parte deste trabalho, tendo um engano de paginação feito com que a pag. 164 saísse como 173 e vice-versa. Fica feita a correção.

35-55 lacínias erectas, concrescentes pelos bordos, até a metade inferior, e decrescendo de tamanho, do centro para a periferia. O pecíolo mede de 1-1,5 m. de comprimento, semi-triangular e avermelhado, na parte que se liga ao estipe, depois glaucescente e reto. Nos últimos dois terços apresenta duas ordens de espinhos negros, fortes, achatados e arqueados para a parte superior da folha.

Os leques formados á roda do tópo da palmeira, ao atingirem o seu completo desenvolvimento, inclinam-se como as aspas de um chapéu de sol, depois amerelecem e se abatem em direção ao caule. Por fim, se desprendem, secos, côr de palha.

Flôres numerosíssimas, extremamente pequenas, campanuladas, dispostas em espadice paniculada, até 2 m. de comprimento, protegidas por espata tubulosa, sêca, membranácea.

O fruto é uma baga arredondada de 2 cm. de comprimento, glabra, luzidia, esverdeada, passando a rôxo-escura ou quase negra na maturação, de epicarpo escassamente carnosos, envolvendo 1 carôço duríssimo, provido de albume branco, duro, oleoso. As bagas aglomeram-se ás centenas, em grandes cachos pendentes.

Ferdinand Denis deu á carnaúba o epíteto de *árvore da vida*, lembrando a imagem que Humboldt applicara ao buriti, por atender a maioria das necessidades dos índios do baixo Orenoco. Realmente, nos trechos nordestinos de sua eleição, ela é uma das autênticas *árvores da vida*, tão importante no quadro da existência local como o coqueiro nos arquipélagos do Pacífico, a tamareira em alguns desertos, o dendê na costa ocidental africana.

Vejamos, de relance, as suas principais applicações.

As raízes, compridas, finas, pardacento-avermelhadas por fora, acinzentadas e ligeiramente fibrosas por dentro, são depurativas e diuréticas, usadas tanto no tratamento de úlceras, erupções cutâneas e outras manifestações secundárias da sífilis quanto no do reumatismo e artrismo. Escreve Dias da Rocha que substituem perfeitamente a salsaparrilha. Esta afirmativa, adotada por outros autores, parece duvidosa, em face dos resultados negativos verificados na Inglaterra, em 1878, quando se tentou a substituição das raízes daquela Liliácea pelas da carnaúba.

No passado, o sentanejo quando não dispunha de sal de cozinha, queimava as raízes da carnaúba, seguindo a lição ministrada pelo índio, e das cinzas retirava uma substancia salina com a qual condimentava as comidas. Os Peckolt, referindo-se ao sal em apreço, enviado do Ceará, disseram o seguinte: "apresenta-se em pequenos cristais de côr levemente amarelada, e tem sabor fracamente salino; é soluvel nágua e em 100 gramas achámos ;

Água

18,539%

Ácido carbônico	1,109%
Cloro	37,666%
Ácido sulfúrico	6,456%
Magnésia	0,142%
Cal	0,032%
Potassa	13,697%
Soda	21,511%
Substâncias orgânicas, Sílica, etc.	0,850%

Pela sua composição química, vê-se que é em grande parte, uma mistura de clorurêtos de sódio e de potássio, podendo assim fazer as vezes de sal comum”.

O estipe ministra madeira para construção civil e marcenaria, quer inteiro, quer dividido em caibros, barrotes, ripas, calhas, moirões, etc. Por ser linheiro e indiviso, pede pouco trabalho em aparelhá-lo. Aliás foi esta vantagem, combinada á abundância e, por conseguinte, á facilidade em coletá-lo, que fizeram do caule da carnaúba, juntamente com as suas palmas, o material por excelência das primeiras construções coloniais, fôssem civis ou militares, nesta parte do Brasil.

As primeiras casas, os primeiros fortins levantados na orla marítima e nos vales dos rios nordestinos, aquem da zona da mata, foram de carnaúba. Ainda em pleno século XVIII, el-rei recomendava ao governador de Pernambuco que conservasse a fortaleza do Ceará como estava e que se fizesse a estacada não de carnaúbas, mas de outras madeiras de maior duração. Ao tempo de Marcgrave, já se faziam currais de carnaúba para prenderem ovelhas, e animais de carga.

Quando se deu a penetração dos sertões pelos criadores, a carnaúba forneceu ao vaqueiro o material com que construiria o seu rancho e levantaria os currais para acostumar o gado á nova pastagem, defendê-lo da onça e recolher as vacas paridas na estação pluvial. Na costa, os estipes entrariam na feitura dos currais de pesca.

Até há pouco era de carnaúba o madeirame da maioria das cobertas. Quase tôdas as casas compreendidas na sua área de endemismo, até mesmo os edificios públicos, têm do estipe desta palmeira o travejamento dos tectos e dos soalhos, quando com mais de um piso. Só deixou de ser empregado á larga depois da valorização da cêra e das recentes leis que proibiram o seu corte.

Com o caule escavado fabricam-se bombas rústicas, que, acionadas por moínhos a vento (cataventos), também de carnaúba, elevam, nos vales jaguaribanos e do Apodí, a água para gastos caseiros e irrigação de pequenos sítios, fazendo-se a distribuição através de calhas do próprio estipe, lascado ao meio.

Para efeito de construção, a partir inferior do estipo chama-se *tronco*,

a superior *cabeça*, reservando-se o nome *garganta* aos dois últimos metros. Aplicam-se essas secções em cercas, currais, trapiches, pontilhões, lenha, etc. Dá-se o nome de *meio* à porção média do caule, com o peso específico de 0,929, e a resistência ao esmagamento de 578 kg. por cm²., preferida como madeira de lei e para trabalhos de marcenaria e tórno, sendo dura, de coloração amarelo-avermelhada, com veios negros.

A durabilidade da madeira da carnaúba está condicionada à sua maturação e ao local em que é utilizada. Se colhida madura e empregada à sombra ou mergulhada na água salgada ou em terreno salino, goza de duração secular, desde que os seus extremos não fiquem sujeitos à penetração da chuva. Exposta ao tempo, resiste de oito a quinze anos, mas apodrece com presteza quando imersa na água doce.

Nas secas pretéritas aproveitava-se o palmito das plantas novas na alimentação do homem e dos gados. A esse tipo de *comida braba*, consumida quando a fome apertava, devem-se acrescentar a farinha e a goma de carnaúbas, obtidas do palmito pisado e submetido a diversas lavagens. A última, consoante os Peckolt, é "uma fécula amilácea semelhante ao sagu e muito branca", com a seguinte composição:

Água	8,5%
Amido	89,837%
Sais inorgânicos	0,75%
Celulose	0,913%

Não me consta que se obtivesse farinha ou goma de outras partes do estipe, como assinalam os Peckolt e mais alguns autores. Se a prática existiu, tornou-se desconhecida, tanto que no *Catálogo* dos produtos cearenses enviados à Exposição de Chicago de 1892-1893, vem explícito que a farinha e goma "são extraídas do gomo terminal e novo, ou palmito da carnaúbeira".

Também nos dias que correm já se não tem mais lenbrança que "do pedúnculo floral, antes de completo desenvolvimento, extrai-se um suco adocicado que serva de bebida e pela fermentação fornece um líquido alcohólico semelhante ao vinho e de sabor agradável".

Os frutos, desde que começam a pintar, adquirem sabor ligeiramente adocicado que atrai as crianças, as aves, os morcêgos. Verdes são travosos e provocam abundante salivacão. Outrora, nos anos famintos depois de cozidos serviam para a alimentação humana. Torrados e reduzidos a pó fazem as vezes de café no seio da pobreza e as terrefações deles se servem para adulterar o café consumido em várias cidades nordestinas. Analisando as amêndoas os Peckolt acharam:

Óleo pingue	8,000
Substância resinosa, etc	6,172
Matéria extrativa de côr vermelha	5,143
Substâncias albuminóides, extrato, celulose, etc.	67,828

“O óleo é de côr esverdinhada, tem a consistência do sêbo e funde-se á temperatura de 38° C”.

Joaquim Bertino de Moraes Carvalho, nos *Ensaïos sôbre a Carnaúbeira*, transcreve do Chemical Abstracts de 1921, p. 3219,5 três análises em relação ao fruto da carnaúba, procedidas por Clemens Grímme, que revelaram o seguinte:

	Polpa	Amêndoas
Água	15.04	10.55
Proteína	5.46	6.89
Gordura	6.25	13.65
Carboridratos	64.32	63.29
Celulose	5.81	4.07
Cinzas	2.95	1.55

O açúcar existente na polpa é glucose.

O óleo da amêndoa tem as seguintes características:

Densidade 15° C.	9,9483
Índice de refração nD. 40	1,4291
Ponto de fusão	28,3° C.
Índice de acidez	2,64
Índice de saponificação	221.5
” ” ester	218,9
” ” iodo	23.3
” ” Reichert-Meissl	4.2

Os frutos, verdes, maduros ou sêcos, são procurados pelas rêses, especialmente pelos suínos, dando-lhes alimento sofrível, no conceito dos criadores.

Passemos ás fôlhas, que fornecem palhas para cobertura, paredes e divisões de casas rústicas que, ás centenas, se encontram na zona de incidência desta palmácea. Com as palhas fabricam-se chapéus, esteiras, capachos, vassouras, espanadores, sandálias, surrões, cofos, cestos, urus e outras obras trançadas. Das fôlhas retira-se uma fibra — *ticum* ou *tucum de carnaúba* —, com a qual se tecem rêdes e se fazem cordas. Inteiras, cor-

tadas ou rasgadas pelas extratores mecânicos de cêra, vêm sendo aplicadas na cobertura de solos cultivados, com excelentes resultados para as lavouras e conservação das mesmas.

Os talos dão gaiolas, giraus, cêrcas, cavalos de pau, estivas para passagem nos leitos arenosos do rios secos, estrados de cama, portas e janelas semelhantes às venezianas. Quando verdes, a sua parte interna substitui a cortiça, na confecção de rólhas.

Porém o grande produto obtido da carnaúba é a cêra, que reveste as células epidérmicas das folhas, principalmente da página inferior, sob a forma de partículas brancas, pulverulentas, de aroma característico.

Acêrca da gênese do cerídio da carnaúba deve-se consultar o que escreveram Joaquim Bertino de Moraes Carvalho e Joaquim Juarez Furtado. A respeito da sua composição, o primeiro autor reuniu em seus *Ensaio*s o que se conhecia sôbre o assunto até 1942.

Foi realmente a cêra, pela importância comercial adquirida neste século, que elevou a carnaúba à categoria de planta extrativa por excelência da região nordestina. Antes era uma palmeira utilíssima, porém restrita às necessidades de seu próprio *habitat*.

Aplicada de início á fabricação das velas que, por longos anos, iluminaram as casas abastadas, posteriormente, já em nossos dias, surgiram para a cêra diversas aplicações industriais, trazendo-lhe a procura e a consequente valorização, junto aos mercados consumidores, com amplas repercussões econômicas e sociais nos centros de produção.

Não está esclarecido a quem se deve a descoberta do aproveitamento da cêra de carnaúba. Em abril de 1783, Azevedo de Montauri, Capitão-mór do Ceará, enviando a Portugal alguns objetos da terra, inclusive duas bengalas de carnaúba, escrevia do Aracati, em plena zona da carnaúba, entre outras cousas, a respeito desta palmeira, o seguinte: "dizem que do mesmo pau costumam extrahir húa especie de cera, porem ainda não ví e o tenho por apocripho" (Dr. G. Studart, *Azevedo de Montauri e seu govêrno no Ceará*, Rev. Inst. do Ceará, V. 1º Trimestre de 1891,72). O fabrico da cêra de carnaúba passa por haver sido descoberto no Ceará por Manuel Antônio de Macêdo, no comêço do século passado, parece que entes de 1810. O govêrno adjudicou-lhe um prêmio em dinheiro pela descoberta. Devemos estas informações a M. A. de Macêdo, na monografia *Notice sur le Palmier Carnauba*, editada em Paris, em 1867. Porém o naturalista Manuel de Arruda Camara, a 26 de novembro de 1809, informava ao governador de Pernambuco que o fabrico da cêra, nos moldes como ainda hoje é obtida, já era conhecido áquele tempo, inclusive a sua aplicação em velas.

Quase nenhuma importância se dava, então, á cêra. Rara, a sua aplicação na indústria de velas. O povo se iluminava com *azeite de carrapato* e, os abastados, com velas de cêra de abelha ou de esparmacete. Com grande dificuldade M. A. Macêdo conseguiu meio quilo de cêra, em 1836,

para levar a Paris, onde Barruel, preparador do curso de química da Sorbona, limitar-se-ia a dizer-lhe que tal cêra prestava-se ao encerramento do piso de apartamentos. A exploração da cêra só tomou corpo a partir da sêca de 1845. Os sertanejos, feridos profundamente na sua economia pecuária, procuraram ressarcir parte dos prejuízos aproveitando-a com mais largueza, internamente na indústria de velas e, por outro lado, promovendo a sua exportação, tanto que, nesse ano, pela primeira vez, figurou entre os produtos embarcados pelo pôrto de Fortaleza.

A começar do Maranhão, a carnaúba estende-se, em densas associações, por todos os Estados nordestinos e, subindo o rio São Francisco, alcança o norte de Minas Gerais. Autores assinalam a sua presença, com o nome de carandá, em Goiás, Mato Grosso, Paraguai, norte da Argentina e sudeste boliviano. Para alguns botânicos, não há identidade específica entre os carnaúbais do Nordeste e os carandazais do Sul. Tratando-se de ponto controvertido, sem cabimento em trabalho desta ordem, remeto o leitor curioso á síntese traçada sôbre o assunto por Phillipp von Luetzelburg, no *Estudo Botânico do Nordeste*.

Cobrimdo largo espaço geográfico, a carnaúba apresenta a particularidade de limitar o seu trecho cerífero á região semi-árida nordestina. Sómente aqui, por condições especiais de clima e talvez de solo, é que produz cêra em quantidade bastante a ser explorada economicamente. Mesmo nesta extensa região, se encontra, de preferência, no centro, norte e sul do Piauí; vales do Coreauí, Acaraú, Jaguarige e Cauípe, no Ceará; Mossoró, Açu e Cearámirim, no Rio Grande do Norte; Piancó e Sousa, na Paraíba, e no oeste da Bahia, que são os centros ceríferos por excelência, mormente os do Piauí e os do Ceará.

A carnaúba, em toda a região semi-árida nordestina prefere o aluvião argiloso, compacto, das várzeas, onde se adensa em palmeirais cerrados, perlongando os rios temporários por dezenas de quilômetros. Nas corôas e nos ariscos, interrompe-se a continuidade dos carnaubais, reduzidos a tufos maiores ou menores, aproximados ou isolados, vicejantes naquelas e retardados e, ás vêzes, tolhiços nestes.

Marcgrave registra os nomes de *caranaíba* e *ananachicariri*, dados pelos índios do Nordeste a tão bela quão útil palmeira. O mesmo faz Piso, escrevendo porém *anache cariri* em vez de *ananachicariri* e nos trazendo a interessante informação de que os portugueses a chamavam de *tamar*, "talvez por produzirem frutos semelhantes ás tamaras".

Carnaúba origina-se, com efeito, de *caranaíba* ou de *caranaúba*, palmeira que arranha, ou palmeira escamosa, de *caraná*, arranhento, escamoso, cascudo, e *iba* ou *uba*, árvore. Erram, por conseguinte, os que escrevem *carnaubeira*, como fez sentir Paulino Nogueira (3,259), "porque esta decomposta traduz-se literalmente por — árvore da árvore que arranha", já que o sufixo tupi *iba* ou *uba* equivale ao sufixo português *eira*.

CARNICA. — *Caesalipinia Bonducella* (Linn.) Roxb. *Guilandina Bonducella* (Linn.) da família das Leguminosas Cesalpinóideas.

Trepadeira robusta, forma grandes moitas densamente espinhosas. Fôlhas com 4-6 jugas de pinas e 8-12 pares de folíolos oval-oblongos, mais ou menos pubescentes, tendo entre si e do lado inferior 1-2 espinhos recurvos. Flôres amarelas, em panículas ou racimos, na axila das fôlhas. Vargem arredondada, coberta de espinhos, com 2 sementes duras, acinzentadas, deprimidas, arredondadas ou ovais.

Sementes diuréticas, desobstruentes e antifebris.

Cosmopolita tropical. Do Maranhão a S. Paulo. Codorna, em Pernambuco; Juquirionano ou olho de Gato, no Rio e em S. Paulo, sendo neste último ainda conhecida por Nimboi ou Arriozes.

CAROÁ — *Neoglaziovia variegata* (Arr. Cam.) Mez. *Bromelia variegata* Arr. Cam., *Bilbergia variegata* (Arr. Cam.) Schult., *Agallos-tachys variegata* (Arr. Cam.) Beer., *Bromélia linifera* Hort. ex Berr., *Dyckia Glaziovii* Bak), da família das Bromeliáceas.

Planta perene, acaule, de rizoma fibroso, até 1 m. de altura. Fôlhas 3-5-7, invaginantes, estreitas, lineares, ovado-lanceoladas, acuminadas, com as margens convolutadas e ligeiramente espinhosas, de 1-2 m. de comprimento por 2 cm. de largura, cobertas por cutícula impermeável e cerosa. Quanto á coloração, as fôlhas se apresentam verdes, roxas, amarelas, brancas ou listradas, aliás em consonância com o específico variegata. Flôres 40-60, purpúreo-violáceas com pedicelos vermelhos, protegidas por bráctea linear-lanceolada e dispostas em inflorescência simples, racemosa, com escapo verde-avermelhado, erecto, glabro, coberto por uma camada de cêra lanosa. Baga ovóide, um tanto angulosa, — ocular, de 2-3 cm. de comprimento, castanha quando madura, tendo de 27-30 sementes envoltas por mucilagem rala e adocicada.

As fôlhas produzem fibras longas, sedosas, finas, resistentes, de grande impermeabilidade, com variados casos usos, desde a corda ao tecido para roupa. O surto de industrialização da fibra do caroá, processado no decênio de 1930 e princípios de 1940, com profundo reflexo econômico nos trechos mais ingratos dos sertões pernambucanos e paraibanos, amainou, quase que desapareceu, em face da concorrência de outros têxteis preferidos para tecidos.

Planta xerófita, as suas formações, sejam densas ou ralas, cobrem, no mínimo, 60.000 quilômetros quadrados das terras mais sáfaras do Nordeste, desde a Bahia ao Piauí. No Ceará, conforme Esmerino Parente, as zonas de ocorrência do caroá (nas Serras da Ibiapaba e do Araripe) "estão localizadas em terrenos pedregosos e de ariscos (areia branca e mais ou menos solta); solos paupérrimos, de vegetação rala, baixa, esgalhada, tortuosa e numa altitude nunca inferior

a 400 metros, o que demonstra que essa bromeliácea requer uma certa quantidade de umidade na atmosfera, um clima, enfim, mais ameno do que o do sertão”.

Não se deve confundir o caroá com outras plantas, principalmente Bromeliáceas, cujos nomes são meras variantes da forma *caraguatá*, por sua vez corrutela de *carauá-tã*, o carauá rijo, duro.

Este, como outros assuntos referentes a esta planta, se encontram documentadamente estudados na monografia *O Caroá*, de Lauro Xavier.

COROATA' — Croatá.

CAROBÁ. — *Jacaranda brasiliana* Pers. (*Bignonia brasiliana* Lem.), da família das Bignoniáceas

Árvore pequena, de casca acinzentada e ramos opostos. Fôlhas pecioladas, pinadas, com folíolos oblongos ou oblongo-lanceolados, acinzentados ou alvacentos do lado inferior. Flôres campanuladas, grandes, azul-violáceas ou azul ultramarinas, de cálice lobado além do meio, dispostas em panículas amplas. Cápsula suborbicular, castanha, com valvas lenhosas.

Madeira afamada para carpintaria. Cascas amargas e adstringentes usadas em cozimento para banhar feridas e chagas. A infusão das fôlhas aplicam no tratamento da sífilis, boubá e escrôfulas.

Todo o Brasil: *Barbatimão*, na Amazônia; *Jacarandá*, em Pernambuco.

Caroba vem de *caá*, mato, folhagem, *rob*, amargo.

CAROBÁ DA FLOR VERDE. — Carobinha Verde.

CAROBÁ MIÚDA. — *Jacaranda Caroba* (Vell.) P. DC. *Bignonia Caroba* (Vell.), da família das Bignoniáceas.

Arvorêta de casca cinzenta, fendida, que se desprende em placas. Fôlhas pecioladas, pinadas, 4-6 jugas, de folíolos oblongo-lanceolados, com grândulas na página superior, rufo-ferrugíneas e pontuadas na inferior. Flôres tubuloso-campanuladas, rôxo-escuras ou violáceas, em panículas. Cápsula castanho-escura com brilho metálico, elítica ou subovada.

As fôlhas encerram carobina, ácidos caróbico e esteacaróbico, carambom (princípio aromático resinoso), matérias oleosas, tânicas, pépticas etc. A infusão ou alcoolatura das fôlhas é um dos remédios sertanejos mais usados nas manifestações sifiliticas, afecções cutâneas, boubas e ainda como tônico.

Ceará, até S. Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. *Caroba do Carrasco*, na Bahia; *Carobinha do Campo*, *Caroba do Campo*, em S. Paulo; *Camboté*, *Caroba do Carrasco*, em Goiás. *Carobinha* é outro apelido cearense desta planta.

CAROBÁ RÔXA — *Jacaranda oxyphylla* Cham., da família das Bignoníaceas.

Arbusto de folhas imparipinadas, de flôres grandes, rôxas, manchadas de branco, em panículas terminais ou axiliares, multifloras.

Folhas depurativas e tônicas.

Caroba Paulista, em S. Paulo.

O mesmo nome se aplica á *Jacaranda elegans* Mart., encontrada na parte média da Serra do Araripe.

CAROBINHA. — *Caroba Miúda*.

CAROBINHA VERDE. — *Cybistax antisiphilitica* Mart. *Bignonia antisiphilitica* Mart., *Bignonia quinquefolia* (Vell.), da família das Bignoníaceas.

Porte variável consoante o ambiente. Folhas longo-pecioladas, digitadas, 5-foliadas. Flôres verde-pálidas ou verde amareladas, de longa corola tubular, em panículas decussadas, terminais. Cápsula oblongo-linear, sublenhosa, de valvas naviculares, listradas, com 10-30 cm. de comprimento.

As cascas e os renôvos passam por poderoso depurativo, especialmente nas doenças venéreas, tanto que o nome específico não é mais do que a tradução das suas virtudes na medicina caseira. Madeira branca para obras internas, caixotaria, pasta para papel.

Peru oriental e em todo o Brasil. *Caroba da Folha* ou *da Flor Verde* na Bahia; *Cinco Folhas* ou *Ipê de Flor Verde*, em S. Paulo; *Ipê Branco*, no Rio G. do Sul.

CAROLINA. — *Adenanthera Pavonina* Linn., da família das Leguminosas Mimosóideas.

Árvore até 15 m. de altura, inerme e glabra. Folhas pecioladas, bipinadas, 2-5 pares de pinas opostas, com 6-10 folíolos curto-pecioladas, alternos, ovais ou ovado-oblongos, 2-3 cm. de comprimento. Flôres amarelo-pálidas, raramente brancas, dispostas em racimos estreitos, em forma de espiga. Vagem comprida, estreita, curvado-falcada, cujas valvas se enroscam na maturação, jogando a certa distância as sementes que são muito duras, vermelhas e luzidias.

Empregada na arborização de jardins e parques. A madeira presta-se á marcenaria de luxo. Na Índia, ás vezes, substitui o sândalo vermelho. Folhas anti-reumáticas. Com os frutos fabricam-se colares, voltas, braceletes e assinalam-se pontos de jogos, donde o nome de *tento*, pelo qual também é conhecida.

Nativa da Ásia tropical.

CARRANCUDO. — *Maytenus obtusifolia* Mart., da família das Celastráceas.

Arvorêta de folhas curtamente pecioladas, quase dísticas, inteiras, obtusas, coriáceas e serreadas. Flôres brancas, pequenas, polígamas, axila-

res, em cimos. Cápsula pequena, coriácea, sulcada, bilocular, com as sementes cobertas por um arilo branco.

Bôa madeira para marcenaria. As folhas fazem as vêves de chá da Índia e de erva-mate.

Planta hidrófita, do Piauí ao Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás. *Carne de Anta*, no Piauí e na Bahia, e ainda *Lenha Branca* neste último Estado; *Limãozinho*, em Goiás.

Também se dá o apelido de *Carrancudo*, no Ceará, ao *Erythroxylon testaceum* Peyrich., da família das Eritroxiláceas, encontrado na serra do Araripe.

CARRAPATEIRA. —*Ricinus communis* Linn. (*Ricinus vulgaris* Mill.), da família das Euforbiáceas

Arbusto ou arvoreta de caule erecto e ramos herbáceos, grossos, lisos, fistulosos. Folhas alternas, longamente pecioladas, grandes, digitado-lobadas, palminérveas, denticuladas, glabras, com 2 estipulas membranáceas e incolores. Flôres monóicas, numerosas, apétalas, pequenas, pálidas, em grandes cachos terminais e erectos, nos quais as pistiladas ficam acima das estaminadas. Cápsula de 10-12 mm. de diametro, comumente espinhosa, subglobosa ou oval, 3 — locular, com 1 semente em cada loja. Sementes brilhantes, lisas, negras, matizadas de branco, pintalgadas de cinzento e pardo.

Além da carrapateira comum, com as suas formas *major* e *menor*, caracterizadas pelo porte, deiscência dos frutos e tamanho das sementes, plantam-se as seguintes variedades: carrapateira verde (*Ricinus viridis* Willd.), de haste verde clara, raras vêzes levemente rosada; carrapateira rôxa (*Ricinus sanguineus* Hort.), com hastes, folhas e até os próprios frutos coloridos de roxo; carrapateira vermelha (*Ricinus sanguineus* Hort. var. *rutilans*), com tronco, folhas e cachos vermelho-sanguíneos, formando um conjunto de belo aspecto ornamental, aproveitado para pequenos mactiços; carrapateira da semente preta (*Ricinus zansibarensis* Nichols); carrapateira lisa (*Ricinus inermes* Jacq.), cujos frutos não apresentam saliências espiniformes; carrapateira anã, de pequeno porte, não ultrapassando a altura de 1,20 m.

Os autores modernos consideram simples variedades ou formas de *Ricinus communis* as diversas carrapateiras cultivadas, inclusive as anteriormente erigidas á categoria de espécies, como vimos acima.

As sementes fornecem até 50% de óleo com a densidade de 0,961 a 0,966, altamente purgativo e usado como lubrificante de primeira categoria nas máquinas de precisão, nos motores de alta rotação, especialmente aéreos, pela sua grande resistência ao congelamento ou aquecimento.

Ainda encontra largo emprêgo na indústria de sabões, de tintas e

explosivos. As folhas verdes são forrageiras, porém murchas provocam o meteorismo. A torta resultante da extração do óleo constitui ótimo fertilizante azotado e age ainda no solo como inseticida.

Provavelmente nativa da África tropical, hoje naturalizada em todas as regiões tropicais e subtropicais. *Carrapato*, *Mamona*, *Rícino*, *Palma de Cristo* são outros nomes vulgares que identificam esta valiosa planta.

CARRAPETA. — Jitó.

CARRAPICHO. — Denominação comum a diversas plantas de pequeno porte, pertencentes a variadas famílias, cujos frutos ou sementes por seus pêlos, cerdas, ganchos, viscosidade se prendem às roupas das pessoas e à pelagem dos animais, chegando mesmo alguns ser vulnerantes e picantes. Disseminam-se com grande facilidade, tornando-se não raro pragas de erradicação difícil.

Dentre as Gramíneas destacam-se:

1. — *Cenchrus echinatus* Lins. (*Cenchrus pungens* H.B.K. — América tropical. Todo o litoral brasileiro. *Capim Rosêta*, na Bahia; *Carrapicha da Praia*, em S. Paulo.

2. — *Cenchrus tribuloides* Linn. — Costa atlântica da América tropical. *Capim Rosêta*, na Bahia; *Capim das Roças*, no Rio Grande do Sul.

3. — *Cenchrus viridis* Spreng. — América tropical. Da Amazônia ao Rio de Janeiro, Goiás e Mato Grosso. *Capim Rosêta*, na Bahia.

Estas ervas fornecem forragem regular antes da florescência. Depois os espinhos dos envólucros florais ficam duros, desprendem-se com facilidade, ocasionam lesões mecânicas na pele e, ingeridos, causam cólicas intestinais.

Quanto às Leguminosas, os carrapichos são encontrados entre as Papilionadas dos gêneros *Aeschynomene* e *Desmodium*, possuidores de vagens divididas em artículos adesivos.

1. — *Aeschynomene falcata* DC. — Erva com 4-9 pares de folíolos oblongos. Flôres amarelas sobre pedúnculos axilares. Vagem pequena de 3 sementes. Do México até S. Paulo.

2. — *Aeschynomene filosa* Mart. — Arbusto anual, pouco ramoso, até 1,3 m. de altura. Flôres pequenas, amarelas, de vexilo maculado de escuro. Vagem pequena. Componente da flora das lagoas. Amazonas, Pará, Ceará, Bahia, Minas Gerais e Goiás. *Corticeira do Campo*, na Bahia.

3. — *Aeschynomene hispida* Willd. — Arbusto até 1,5 m. de altura, com a base do caule dilatada. Flôres amarelas listradas de vermelho. Hidrófila. América do Norte e do Sul.

4. — *Aeschynomene hispidola* H.B.K. — Às vezes atinge até 3,5 m. de altura, de caule hispido. Cresce nas lagoas e alagadiços. América tropical. Do Ceará ao Rio de Janeiro, Minas Gerais e Mato Grosso.

5. — *Aeschynomene hystrix* Poir. — Subarbustiva, prostrada ou mais ou menos decumbente, flôres amarelas, dispostas em pequenas inflorescências axilares. América tropical. Amazonas até Pernambuco.

6. — *Aeschynomene marginata* Benth. — Erva subarbusciva. Como a anterior cresce nos alagadiços e tem qualidades forrageiras. Piauí e Ceará.

7. — *Aeschynomene viscidula* Michx. — Espécie prostrada ou semi-erecta. Forrageira. América tropical. Amazonas até Bahia e Mato Grosso.

8. — *Desmodium barbatum* (Linn.) Benth. (*Hedysarum barbatum* Linn., *Meibomia barbata* O. Ktze. — Herbácea perene, erecta ou prostrada, pubescente, até 1 m. de altura. Fôlhas de 3 folíolos curto-peciolados, obovados, pilosos. Inflorescência em racimos terminais densos, aglomerados, com flôres rôxas, pequenas, muito vilosas.

Forrageira antes da floração, com a seguinte relação nutritiva 1:2,97.

América tropical. Todo o Brasil. *Barbadinho*, *Carrapichinho*, no Pará (Ilha do Marajó); *Barbadinho*, no Rio G. do Sul.

9. — *Desmodium spirale* (Swartz) DC. (*Hedysarum spirale* Swartz). Herbácea, anual, erecta ou prostrada, de ramos horizontais e delicados, glabros ou escabroso-pubescentes. Fôlhas de 3 folíolos ovóides, quase glabros, 1-4 cm. de comprimento. Flôres rôxo-pálidas, pequenas, em racimos delgados e simples. Legume 3-6 artículos torcidos e pilosos.

Forrageira de primeira qualidade, acusando a análise uma relação nutritiva de 1:2,3 antes da floração, sendo a do feno de 1:2,8.

América e África tropical. Todo o Brasil.

10. — *Desmodium supinum* DC. (*Hedysarum supinum* Swartz, *Meibomia supina* Britt). Planta de pequeno porte, poucas vezes rasteira, até 1 m. de altura. Fôlhas com 3 folíolos oblongos, verde-escuros, de face dorsal seríceo-pubescentes. Flôres cêrúleo-violáceas.

Excelente forrageira de relação nutritiva 1:6,2.

CARRAPICHO BEIÇO DE BOI. — *Desmodium adscendens* DC., (*Meibomia adscendens* DC), da família das Leguminosas Papilionadas.

Planta herbácea ou subarbusciva, perene, ramosa, pubescente. Trifólios oblongos. Flôres rôxas ou côr de rosa em cachos terminais. Vagem articulada, pegajosa.

Forrageira, com 1:5,6 de relação nutritiva.

América tropical. Todo o Brasil.

CARRAPICHO DE AGULHA. — Denominação das Compostas:

1. — *Bedins cynapiifolia* H.B.K. (*Bidens bipinnata* West. St. Criox. non Linn) — Herbácea, anual, arecta, glabra, de fôlhas alternas, 2-3 pinatífidas. Flôres em pequenos capítulos reunidos em cachos. Aquênio tetrágono, coroadado por 3-4 aristas persistentes, ganchosas.

Fôlhas e raízes desobstruentes, diuréticas, resolventes.

Pantropical. Todo o Brasil.

2. — *Bidens pilosus* Linn. (*Bidens adhoerens* Vell). — Parecida com a precedente, tanto que há autores que consideram a espécie anterior uma variedade desta. Fôlhas simplesmente pinadas. Aquênio bidentado.

Cosmopolita tropical. Todo o Brasil. *Fura-Capa*, em Pernambuco. *Picão*, no Rio G. do Sul.

3. — *Cosmos caudatus* H.B.K. — Erva anual, erecta, 1-2 m. de altura, com fôlhas opostas e recortadas. Flôres grandes, róseas, em vistosos capítulos de delicados e longos pedúnculos. Aquênio estreito, 5-ângulos, comprimido no dorso, 2-4-aristas de barbelas persistentes.

Das Antilhas á América do Sul. *Picão*, *Picão do Padre*, em Pernambuco; *Cosmos*, na Bahia.

CARRAPICHO DE BOI. — *Triumfetta semitriloba* Jacq., da família das Tiliáceas.

Arbusto de 1-2 m. de altura. Fôlhas pubescentes, estipuladas, pecioladas, mais ou menos lobadas, oblongas. Flôres amarelas em racimos. Cápsula achatada, glabra ou pilosa, espinhosa.

A casca produz fibras longas e sedosas. Tôda a planta dá boa pasta para papel.

Antilhas, América Central e do Sul. Todo o Brasil. *Carrapicho*, em Pernambuco; *Carrapicho* e *Guaxima*, em S. Paulo.

CARRAPICHO DE CALÇADA. — Nome das duas Tiliáceas seguintes:

1. — *Triumfetta bogotensis* DC. (*Triumfetta pilosa* H.B.K.) — Arbusto ramoso, de caule erecto, glabro, porém de base pilosa. Fôlhas longas, pecioladas, dísticas, de lâmina polimorfa. Flôres com numerosos pêlos cinzento-fuscos, em racimos triplos. Cápsula coberta de cerdas no ápice.

América tropical. Quase todo o Brasil. *Carrapicho Redondo*, na Bahia.

2. — *Triumfetta rhomboidea* Jacq. — Arbusto perene, piloso, até 1,5 m. de altura. Fôlhas mais ou menos lobadas, ovadas. Flôres pequeninas, amarelas, dispostas em racimos compostos, axilares e terminais. Cápsula globosa ou ovóide tomentosa-espinescente.

América tropical. Todo o Brasil.

CARRAPICHO DE OVELHA. — *Nazia aliena* (Spreng.) Scribn. (*Lappago alinea* Spreng.), da família das Gramíneas.

Erva anual, rasteira, de fôlhas planas e ciliadas, tendo as espiguêtas cobertas de fortes espinhos uncinados.

Do sul dos Estados Unidos á Argentina e também na Ásia e na A'frica. Nordeste e talvez em todo o Brasil.

CARRAPICHO DO CEARÁ. — *Krameria argentea* Mart., da família das Leguminosas Cesalpinióideas.

Planta arbustiva, até 1 m. de altura. Fôlhas pecioladas, ovado-elíticas, espinescente-apiculadas e tomentosas. Flôres grandes, em racimos curtos, muito pubescentes. Vagem coberta de espinhos fortes, luzidios, uncinados no ápice.

As raízes e cascas sob o nome de Ratanhia, constituem poderoso adstringente usado nas disenterias, diarréias rebeldes.

Do Amazonas á Bahia e Goiás. *Ratanha*, na Bahia.

CARRAPICHO DOS CAVALOS. — *Krameria tomentosa* St. Hil., da família das Leguminosas Cesalpinióideas.

Arbusto do mesmo tope do precedente. Fôlhas longo-pecioladas, elíticas, espinescentes no ápice, pubescentes. Pecíolo armado de 3-6 espinhos basilares. Flôres grandes em racimos bracteados. Vagem globosa, denso-branco-tomentosa, coberta de sêdas e espinhos rígidos.

Guianas. Brasil: Amazonas e Nordeste, onde cresce nos tabuleiros arenosos da região litorânea.

No Ceará existe a variedade *elliptica* Hub., conhecida por Carrapicho.

CARRASQUINHO. *Cassia curvifolia* Vog., da família das Leguminosas Cesalpinióideas.

Arbusto quase rasteiro, muito esparramado, com fôlhas mínimas.

Cresce em terrenos arenosos e secos. Amazônia, Nordeste e Brasil Central.

CARURU. — Manjongome.

CARURU AMARGOSO. — *Erechites valerianaefolia* (Wolf), DC. (*Senecio valerianaefolius* Wolf., *Senecio crassus* Vell.), da família das Compostas.

Planta fistulosa, anual, erecta, quase glabra, até 2 m. de altura. Fôlhas alternas, membranosas, sendo as caulinas pinadas, as inferiores pecioladas e as superiores sésseis. Capítulos discóides com 12 flôres marginais, imperfeitas, de papo branco, com extremidades purpúreas.

Fôlhas comíveis.

Habita os lugares úmidos. Do Nordeste até Santa Catarina e Minas Gerais.

CARVOEIRO. — *Callisthene major* Mart., da família das Voquiáceas.

Árvore de folhas rígidas, opostas, ovado-oblongas, glabras na página superior e vilosas na inferior. Flôres pálidas, irregulares, em fascículos axilares. Cápsula 3-ocular.

Madeira para carpintaria e marcenaria. Excelente para lenha e carvão. Cascas medicinais e produtoras de tinta amarela.

Cresce no agreste da Serra do Araripe e se encontra também nos Estados de Minas Gerais e Goiás, onde é conhecida por *Itapiúna*.

CASCA GROSSA. — Bom Nome.

CASCOS. *Dioscorea laxiflora* Mart., da família das Dioscoreáceas. Planta sarmentosa de caule fino, ligeiramente estriado. Folhas pecioladas, membranosas, glabras, verde-escuras, cordiformes-agitadas, 7-nervadas. Flôres solitárias, sésseis, axilares, em espigas.

Raízes tuberosas, com epiderme espessa e amarelada, de carne branca, comestível após sucessivas cocções.

Quase todo o Brasil. Caratinga Brava, em diversos Estados.

CÁSSIA. — Gênero de Leguminosas Cesalpinióideas com diversas espécies ornamentais confundidas pelo vulgo com outras do gênero *Acacia*, do grupo das Leguminosas Mimosóideas.

CASTANHETA. — *Sterculia striata* St. Hil., da família das Eterculiáceas.

Árvore altaneira, frondosa, de belo aspecto, com folhas cordiformes, largo-ovadas, lobadas, pubescentes. Cápsula lenhosa provida de sementes edúles.

O lenho serve para carpintaria, marcenaria, fósforos, caixotes e se presta ao fabrico de papel. Pelo porte, crescimento um tanto rápido e ampla sombra, recomenda-se á arborização de parques e jardins, inclusive sombreamento de campos de criar.

Quase todo o Brasil. Pau Rei, nos Estados meridionais.

CASTANHOLA. — *Terminalia Catappa* Linn., da família das Combretáceas.

Alta, de tronco áspero, um tanto tortuoso, com os galhos dispostos horizontalmente, a lembrar gigantesca umbela, donde a denominação de *Chapeu de Sol*. Esta árvore chama a atenção quer pela forma bizarra da copa, quer pelas folhas grandes, quase sésseis, obcordiformes, agrupadas nas extremidades dos ramos, cuja coloração, cambiando com a idade, vai do verde intenso ao vermelho-rubro com o amarelo de permeio. Flôres muito

pequenas, branco-róseas, apétalas, dispostas em espigas axilares. Drupa elítica, glabra e achatada, de uns 5 cm. de comprimento, indeiscente, de mesocarpo comestível.

Os frutos são vermelhos ou amarelo-claros, daí as variedades — *Castanhola Vermelha* e *Castanhola Branca*. A semente, muito dura, encerra amêndoa alongada, considerada na Índia a melhor das nozes do país. As amêndoas dão 50% de óleo doce, com 54% de oleína e 46% de palmitina, difícil de rancificar-se.

O mesocarpo, apesar de adstringente, é édule, e nunca observei, mesmo entre as crianças que o consomem, perturbações digestivas, gentes em alto grau, especialmente as últimas, com 23% de tanino. A madeira é de inferior qualidade e emprega-se na caixotaria.

Foi durante longos anos a árvore preferida para a arborização dos logradouros públicos, graças ao seu crescimento rápido, elegância do porte e profundidade do raizame, com o inconveniente, porém, de perder as folhas e produzir bastantes frutos. Ainda hoje é uma das plantas mais recomendadas para as praias, visto desenvolver-se perfeitamente nos terrenos salgados, arenosos, e resistir aos efeitos dos ventos.

Originária da Malásia. Por causa da semelhança do fruto, em muitos Estados é conhecida por *Amendoeira*, *Amendoeira Brava*, *Amendoeira da Índia*.

CASTIÇAL. — *Iriartea exorrhiza* Mart., da família das Palmáceas. Casuarina. — Nome científico vulgarizado de árvores ornamentais. Palmeira de 15-20 m. altura e 30-35 cm. de diâmetro, crescendo sobre raízes aéreas de 2 m. de comprimento, cobertas de pequenos espinhos. Folhas pinatífidas de 4-6 m. de comprimento. Inflorescência em espádices de 0,50 m. de comprimento. Drupa ovóide amarelo-avermelhada.

Natural da Amazônia, onde é conhecida por *Paviúba*. Cultivada raramente nos jardins e parques.

CATANDUBA. — *Piptadenia moniliformis* Benth, da família das Casuarinas. — Nome científico vulgarizado de árvore ornamentais da família das Casuarináceas, das quais conheço no Ceará as duas espécies seguintes:

1. — *Casuarina equisetifolia* Linn. — Elegante, grande, até 20 m. de altura e 1 m. de diâmetro na base. Crescimento rápido, própria para a arborização industrial e ornamental das zonas áridas e secas, inclusive fixação de dunas. Madeira vermelho-escura, pesada, compacta, muito dura, incorruptível em obras internas. Cascas taníferas.

2. — *Casuarina stricta* Duz. — Até 20 m. de altura e 50 cm. de diâmetro na base. Crescimento rápido. Madeira dura, branco-pardacenta para obras externas. Ramos e cones forrageiros. Cascas taníferas.

Ambas originárias da Austrália.

Leguminosas Mimosóideas.

Árvore de tamanho médio, com folhas bipinadas, flôres amarelas em espigas e vargem larga e plana.

Muito comum no sopé das serras frescas e na faixa intermediária entre o litoral e o sertão.

CATINGA. — Marmeleiro Branco.

CATINGA BRANCA. — *Linharea tinctoria* Arr. Cam., da família das Lauráceas.

Árvore que fornece madeira para construção, carpintaria e marcenaria. Cascas e folhas aromáticas.

Trata-se de espécie duvidosa, cuja descrição não foi feita pelo seu classificador, botânico Arruda Câmara. Do Maranhão até Pernambuco.

CATINGA DE MULATA. — Nome comum a algumas plantas do género *Pelargonium* (vide Geranio) e do *Croton Zehntneri* Pax & Hoffm., da família das Euforbiáceas, êste encontrado no Ceará, Paraíba, e Bahia,

CATINGA DE PORCO. — *Caesalpinia pyramidalis* Tul., da família das Leguminosas Cesalpinióideas.

Arbusto ou arvoreta de folíolos coriáceos e flôres amarelas em cachos de pequenas panículas piramidais.

Do Piauí até Alagoas. *Catingueira*, em Pernambuco e na Bahia.

CATINGUEIRA. — *Caesalpinia bracteosa* Tul. (*Caesalpinia Gardneriana* Benth), da família das Leguminosas Cesalpinióideas.

Arvoreta até 4 m. de altura. Folhas bipinadas, 5-11 folíolos, sésseis, alternos, obtusos, oblongos. Flôres amarelas dispostas em racimos pouco maiores ou tão longos quanto as folhas. Vagem achatada de cor escura.

Madeira para lenha, carvão e estacas. É uma das plantas sertanejas cujos gomos brotam às primeiras manifestações de umidade anunciadoras do período das chuvas. Então o gado procura as suas folhinhas com avidez, para pouco depois desprezá-los pelo cheiro desagradável que adquirem ao crescer. Fenadas, perdem êsse cheiro e constituem boa forragem.

As folhas, flôres e cascas são usadas no tratamento das infecções catarrais e nas diarreias e disenterias.

Planta característica das catingas, desde o Piauí até a Bahia, inclusive Mato Grosso. *Pau de Rato*, na Bahia.

A composição química do feno, segundo o Instituto de Química Agrícola do Ministério da Agricultura, é a seguinte:

Umidade	13,57
Proteína bruta	17,06
Extrato etéreo	7,10
Extrativos não nitrogenados	42,69
Fibra bruta (Celulose)	16,17
Resíduo mineral	3,41
Fósforo em P ₂ O ₅	0,28%
Cálcio em Ca O	1,46%

CATLÉIA. — Nome científico vulgarizado de lindas Orquidáceas ornamentais pertencentes ao género *Cattleya*. Dentre elas merece especial destaque a *Cattleya labiata* Lindl., a *Rainha das Selvas do Norte do Brasil* no conceito do emérito botânico Hehne. Variável no tamanho e colorido das flôres, a *C. labiata* apresenta as flôres róseas ou quase rósea-lilacinhas, tendo o lábio purpúreo-violáceo. Entre as suas variedades excele a *autumnalis*, de colorido mais vivo, carregado de púrpura e amarelo, cujos mais belos exemplares são encontrados na Serra de Baturité.

CATOLÉ. — Nome das duas Palmáceas que se seguem:

1. — *Syagrus comosa* Mart. (*Cocos comosa* Mart., *Cocos plumosa* Lodd.) — Espique regular, flexuoso, de 5-7 m. de altura e apenas 8-10 cts. de diametro, geralmente muito menos, até quase acaule; fôlhas erectas, poucas, verde-amareladas, de 125 cts. de comprimento ou mais, dispostas quase horizontalmente; inflorescência em espadice de 40-50 cts; flôres insignificantes, amarelas; fruto drupa ovóide de 25 mm. de comprimento e 15 mm. de diametro, pericarpo esverdeado e endocarpo ósseo contendo amêndoa amarga e oleaginosa". (68,380).

2. — *Syagrus picrophylla* Barb-Rodr. (*Cocos picrophylla* Barb. Dodr). — Espique solitário, irregularmente anelado, erécto, cilíndrico, até 5 mts. de altura e 20 cts. de diametro, ás vêzes mais; fôlhas arqueado-deflexas, 15-20 contemporâneas, peciolo de 80 cts., côncavo na parte superior e convexo na parte inferior, revestido de tomento acinzentado; folíolos lineares, acuminados, denso-jugos, 90-100 de ambos os lados, dispostos em grupos alternos de 4-5, salientenervados na página superior e tomentosos na inferior, os inferiores de 50-70 cts., os médios de 90-100 cts. e os superiores insignificantes; espadices 2-3 contemporâneas, pedúnculos de 60-70 cts., ferrugíneo-tomentosos, ramos 100-120, os inferiores de 50 cts. de largura e os superiores de 20-15; espata externa de 60-70 cts. de comprimento e 11-12 cts. de largura, convexa por fora e plana interiormente, lanceolada, ferrugínea-tomentosa; flôres densas, pétalas irregularmente linear-lanceoladas, agudas, as femininas ovado-angulosas; fruto drupa oblonga de 40-45 mm. de comprimento e 30-32 mm. de diametro, verde-

azeitona, ferrugíneo-tomentosa, epicarpo fibroso-mucilaginoso, endocarpo osseo, ovóide, com albumen". (68,331).

As folhas de ambas são forrageiras. Os frutos maduros têm polpa mucilaginosa e adocicada, comestível, sendo mesmo um dos refrigerios por ocasião das secas. Os animais os procuram e o gado suíno neles encontra um dos melhores pastos para a engorda. Postos a fermentar dão bebida conhecida pelo nome genérico de *aluá*, consumida como refrescante ou diurética. O albumen é alimentício e aparece nos mercados em rosários formados por uma centena de coquilhos. Produz óleo de boa qualidade para alimentação e perfumaria, bastante usado no estado natural como tônico do cabelo. Dos endocarpos secos fabricam-se bilros para as almofadas das rendadeiras.

São plantas sociáveis, encontradas nos tabuleiros litorâneos, nos sopés e até meia encostas das serras frescas ou secas, e mesmo no sertão. As queimadas sucessivas, as derrubadas inconsideradas vêm destruindo os bosques dessas utilíssimas palmeiras, outrora tão abundantes em largos trechos do nosso território.

A primeira estende-se do Nordeste até Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. A segunda, conhecida no Ceará também por *Babão* ou *Côco-Babão*, vai do Nordeste ao Rio de Janeiro.

Catolé partce ser vocábulo cariri.

CATUABA. — Nome das seguintes Bignoniáceas:

1. — *Anemopaegma album* Mart. — Típica do carrasco, encontrada de preferência na Serra do Araripe.

2. — *Anemopaegma glaucum* Mart. — Típica do agreste. Assinalada na parte leste da Serra do Araripe. Do Piauí até Bahia e Minas Gerais.

3. — *Anemopaegma Mirandum* DC. (*Bignonia arvensis* Vell., *Bignonia Miranda* Cham., *Jacaranda arvensis* Steud.) — Quase todo o Brasil a partir do Nordeste para o Sul.

4. — *Anemopaegma scabriusculum* Mart. — Espécie rara entre nós, encontrada na parte oeste da Serra do Araripe.

São plantas arbustivas cujas cascas, em infusão ou tintura, gozam de grande fama como estimulante nervino e afrodiaco, principalmente as da terceira espécie acima citada.

Sobre a catuaba verdadeira, reina ainda certa confusão. Pio Corrêa (68,152) considera como tal o *Anemopaegma Mirandum* DC. Entretanto o grande Freire Alemão, em trabalho publicado no jornal "Araripe", do Crato, a 14 de abril de 1860, sob o título "A Catuaba", diz o seguinte:

"É nas matas do vasto Araripe que se encontra cópia da árvore bem conhecida pelo nome de pau de catuaba. Este termo é composto de dois da língua tupi e quer dizer — homem válido. O cerne da catuaba pela sua rigeza serve de bordão aos valen-

tes; os inválidos fortificam-se com a sua casca. Quero dizer que a casca de catuaba é afrodisíaco notório”.

Não se trata, como se vê, de arbusto, mas de árvore, o que igualmente ocorre na Serra da Ibiapaba. No citado artigo, Freire Alemão compara-lhe os feitos da coca.

Para Batista Caetano (7,21 e 104) o nome parece origar-se de *acatuab*, direito, destro, capaz.

CAUAÇU. — Por êste nome são conhecidas as seguintes Poligomáceas:

1. — *Cocoloba cordifolia* Meissn. (*Cocoloba uvifera* Salzm). Arbusto ou arvoreta até 5 m. de altura. Fôlhas grandes, alternas, estipuladas, rígido-coriáceas, arredondadas ou obcordiformes. Flôres vermelhas, pequenas, em cachos terminais, grandes, pendentes. Baga drupácea, carnosa, vermelha, muito escura quando madura, de sabor ácido adocicado.

Do Amazonas ao Rio de Janeiro. *Baga da Praia*, na Bahia; *Guana-bara*, no Rio.

2. — *Cocoloba polistachya* Wedd.) *Cocoloba paniculata* Meissn). — Arvoreta até 6 m. de altura. Fôlhas grandes, alternas, estipuladas, rígido-coriáceas, ovais ou cordiformes. Flôres pálidas em panículas terminais.

Do Amazonas a S. Paulo, Goiás e Mato Grosso. *Cabuçu*, no Rio e em S. Paulo.

As fôlhas de ambas as espécies, pelo tamanho e resistência que oferecem, são usadas pela gente rural da região litoranea e tabuleiros vizinhos para enrolar diversos produtos da mandioca, quando trazidos aos mercados, tais como a carimã, o pé de moleque, o grude ou visgo, as tapiocas e os beijos. Leves e, no comum, linheiras, as vergôntes são utilizadas como varas de espanar e cabos de vassoura, vindo daí a denominação de *Pau de vassoura* dada, às vêzes, a estas plantas. As bagas da primeira espécie são comestíveis e, pôstas a fermentar, dão bebida vinosa. O cozimento da casca ou da raiz recomenda-se no tratamento da blenorria e leucorréia. O das fôlhas, consoante Dias da Rocha (10,76), em semicúpios, nas hemorróides sangrentas.

A palavra *cuaçu* frequentemente se adultera para *coaçu* e vem de cá, máto, fôlha, e *açu*, grande (fôlha grande).

CAUCHU. — *Castilloa Ulei* Warb., da família das Moráceas.

Grande árvore lactescente, provida de raízes tabulares. Fôlhas oblongas, aveludadas, denteadas, alcançando até 40 cm. Flôres unissexuadas sobre receptáculos planos ou globosos. Fruto drupáceo.

Planta amazônica, produtora de borracha, representada no Nordeste por poucos exemplares, introduzidos em jardins e parques ou cultivados a título de curiosidade.

CAUI. — *Dipladenia polymorpha* Muell. Arg. (*Echites tenuifolia* Mikan), da família das Apocináceas.

Trepadeira arbustiva e lactescente, de folhas opostas e flôres amareladas em panículas axilares.

Raizes tuberosas, grandes e pretas, muito procuradas pelos porcos do mato. Nos tempos de fome, são aproveitadas pelos sertanejos. Nos Estados de Minas, Goiás e Mato Grosso, o decôcto das cascas e folhas serve de purgativo para o gado.

Do Piauí a S. Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. *Purga de Pastor*, nos Estados meridionais e centrais.

CEBOLA. — *Allium Cepa* Linn., da família das Liliáceas.

Planta acaule, herbacea, com um sem número de variedade cultivadas em todos os países. Os bolbos escomosos são alimentares, condimentosos e úteis contra várias enfermidades. As folhas, mais ou menos ôcas e cilíndricas, servem de tempêro. Inflorescências em capítulos.

Provavelmente da Ásia ocidental.

CEBOLA BRAVA. — *Amaryllis Belladonna* Linn., da família das Amarilidáceas.

Erva vivaz, acaule, de raiz bolbosa. Folhas radicais, ensiformes. Flôres rosadas ou avermelhadas com riscas longitudinais claras, em número de 4, agrupadas na vértice da raque.

A cebola cozida emprega-se como vomitivo e em lambedor nas bronquites, asma e catarro crônico. O chá tem fama de diurético. Tóxico em doses elevadas.

Originária da África austral. *Cebola do Mato*, em Alagôas; *Cebola Cecém* ou *Cencém*, em diversos Estados, inclusive alguns nordestinos.

Com o nome de *Cebola Brava Branca* há uma Amarilidácea de flores maiores do que a precedente e de cor branca, gozando das mesmas propriedades da *A. Belladonna*. Há ainda outra planta desta mesma família, de flôres vermelhas salmonadas, com o centro amarelo-esverdeado, conhecida do vulgo por *Cebola Brava Vermelha*, pouco usada em razão das suas enérgicas propriedades drásticas.

CEBOLA CECÉM ou Cencém — Cebola Brava.

CEBOLINHA. — *Allium Schoenoprasum* Linn., da família das Liliáceas.

As folhas cilíndricas ou cilíndrico-comprimidas, ôcas, verde-escuras, servem de condimento e suportam o corte periódico. Tem, na base das folhas, um pequeno bolbo, branco ou rôxo. Ela e o coentro são as duas verduras mais comuns entre nós, quase as únicas encontradas no sertão, cultivadas em canteiros feitos de toros justapostos sôbre forquilhas, acima

do solo e perto dos açudes ou cacimbas, para melhor defesa contra os animais e facilidade da rega.

CEBOLINHA BRANCA. — *Allium Ascalonicum* Linn., da família das Liliáceas.

Menor que a cebola comum, dela difere pelos bolinhos em que se divide o bolbo e pelo sabor mais acentuado.

Muito usada na medicina caseira como sudorífica, expectorante e peitoral.

CEBOLINHA VERMELHA. — Variedade da precedente, com o bolbo avermelhado vinoso.

CECÍLIA. — *Zinnia elegans* Jacq. da família das Compostas.

Planta subarborescente até 1 m. de altura. Fôlhas simples e opostas. Flôres em capítulos simples ou dobrados, multiflores, de tamanhos e cores diferentes consoante a variedade.

Natural do México e bastante cultivada nos jardins. *Ciúme de Velha*, na Bahia; *Cabocla*, em S. Paulo; *Zabumba*, no Rio G. do Sul.

CEDRO. — *Cedrela fissilis* Vell. (*Cedrela brasiliensis* Juss., e não St. Hill.), da família das Meliáceas.

Grande árvore de tronco reto, casca vermelho-acinzentada, grossa, rugosa, fendida. Fôlhas alternas, pinadas, 8-12 folíolos opostos, quase sesséis, oblongo-lanceolado-agudos, pubescentes inferiormente. Flôres em panículas terminais, grandes e brancas. Cápsula lenhosa, piriforme, com sementes aladas.

O cerne dá boa madeira para marcenaria, tabuados, portas, esquadrias, ferros, sendo mais claro, menos aromático e resistente do que o da espécie que se segue. Casca e raspas do lenho adstringentes. Usam as últimas em cozimento, para lavar feridas sob a forma de banho a vapor, no tratamento da orquite.

Do Amazonas a S. Paulo e Minas Gerais. *Cedro Batata*, na Bahia; *Cedro Branco* e *Cedro Amarelo*, no Rio e em S. Paulo.

CEDRO VERMELHO. — *Cedrela Glaziovii* C. DC. (*Cedrela odorata* Griseb.), da família das Meliáceas.

Árvore de porte nobre e casca acinzentada rugosa. Fôlhas alternas, pinadas, 12-16 folíolos opostos, curto-peciolados, ovado-oblongos ou oblongos, agudos, glabros, às vezes pulverulentos na página inferior. Flôres brancacentas, dispostas em panículas. Cápsula piriforme, manchada, com sementes aladas.

O cerne tem as mesmas aplicações do anterior, sendo mais vermelho,

aromático, duro e, por isso, preferido para móveis e para a confecção de grandes caixões nos quais os sertanejos guardam farinha, arroz, rapadura.

Ambas as espécies crescem rapidamente, tanto por semente como por estaca.

Do Nordeste a S. Paulo. *Cedro Cheiroso*, na Bahia; *Cedro Rosa*, no Rio e em S. Paulo.

CEGA-OLHO. — Dona Joana.

CELGA. — Acelga.

CENOURA. — *Daucus Carota* Linn., da família das Umbelíferas.

Planta herbácea, muito cultivada nas hortas, pelas suas raízes succulentas e carnosas, coloridas de amarelo-alaranjado, graças á presença do caroteno, que lhes assegura destacada posição dietética, como uma das fontes da vitamina A.

Oriunda da Europa e do Oriente.

CEROULA DE HOMEM. — Capa-Bode.

CHÁ BRAVO. — Chá da Terra e Zebrandim.

CHÁ DA TERRA. *Capraria biflora* Linn. (*Xuaresia biflora* Ruiz & Pav.), da família das Escrofulariáceas.

Planta herbácea, perene, 30-70 cm. de altura, erecta, de ramos pubescentes ou hirsutos. Fôlhas alternas, oblongo-lanceoladas, iguais, irregularmente serradas, grandemente pubescentes. Flôres axilares em delicados pedicelos, pequenas, campanuladas e de côr branca. Cápsula ovado-oblonga, com 2 sementes pretas.

Fôlhas e sumidades floridas estomacais, sudoríficas, calmantes e adstringentes. A infusão em "dose forte pode produzir uma debilidade geral, o sono, a rigidez e mesmo a paralisia; uma espécie de embliaguez, debilidade da memória e até vertigens, porque deixa o sistema nervoso como estupefacto; mas, tomada em doses regulares, sua ação tem, ao contrário, muita analogia com a infusão do chá da China; estimula ligeiramente os nervos, movimenta os intestinos, facilita as digestões e proporciona um bem estar geral" (38, T. 3,167).

América tropical. Piauí até o Espírito Santo, Minas Gerais e Goiás. *Chá de Pé da Calçada* e *Chá de Boi*, em Pernambuco; *Chá Preto*, na Bahia.

CHÁ DO TABULEIRO. — *Lippia alba* (Mill.) N.E. Brown. *Lantana alba* Mill., *Lippia geminata* H.B.K.), da família das Verbenáceas.

Arbusto até 2 m. de altura, muito ramificado, de galhos finos, densa-

mente pubescentes, aromáticos. Fôlhas curto-pecioladas, 3-6 cm. de comprimento, opostas, ovadas ou oblongas, agudas ou obtusas no ápice, estreitas na base, serreadas ou crenuladas, pulverulentas. Flôres pequenas, róseas, vermelhas ou brancas, em espigas densas. Cápsula sêca, com exocarpo membranáceo.

O chá das fôlhas tem propriedades sudoríficas, antiespasmódicas, estomáquicas e emenagogas. A raiz é muito empregada no sertão como apaciente e, subretudo, nas obstruções do fígado.

Do sul dos Estados Unidos á América do Sul. *Salsa Limão*, *Erva-Cidreira*, *Cidrilha*, no Rio G. do Sul.

CHAGAS. — *Tropaeolum majus* Linn., da família das Tropeoláceas.

Trepadeira herbácea, anual, de fôlhas alternas, longo-pecioladas, pel-tadas, arredondadas, com 5 lóbulos obtusos. Flôres longo-pedunculadas, axilares, solitárias, amarelas, vermelhas ou de outras côres, consoante as variedades, simples ou dobradas, campanuladas, irregulares.

Natural do México. Comum nos jardins.

CHANANA. — Apelido comum a diversas Turneráceas. (*Turnera guyanensis* Aubl., *Turnera melochioides* Camb. *Turnera ulmifolia* Linn.) Herbáceas ou subarbustivas, de fôlhas pubescentes e flôres amarelas, encontradas principalmente nos sítios arenosos e úmidos da costa e nas faldas das serras frescas.

São conhecidas também por *Saca-Estrepe*, em razão do emprêgo das suas fôlhas contusas na extirpação de espinhos e outros corpos estranhos introduzidos na pele e tecidos subjacentes. O mesmo emplastro apressa a maturação dos tumores.

CHAPÉU DE FRADE. — *Zeyheira montana* Mart. (*Bignonia digitalis*, Vell), da família das Bignoniáceas.

Arbusto ou arvoreta revestido de pêlos estrelados e aveludados. Fôlhas opostas, pecioladas, com 5 folíolos oblongo-lanceolados, inteiros, glabros na página superior e branco-tomentoso-lanosos na inferior. Flôres grandes, tubulosas, amarelas ou alaranjadas, maculadas de rôxo ás vêzes, tomentosas, em panículas amplas, terminais. Cápsula 2 valva, eriçada de picantes, com sementes aladas.

Típica do agreste e comum nos serrados. Piauí até S. Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. *Bolsa de Pastor*, em S. Paulo.

CHAPÉU DE NAPOLEÃO. — *Thevetia peruviana* Schum. (*Thevetia neriiifolia* Juss.), da família das Apocináceas.

Arvoreta de fôlhas alternas, lineares, quase sésseis, verde-brilhantes e lustosas na página superior e página inferior. Flôres grandes, amare-

las, aromáticas, em racimos. Drupa triangular-comprimida, quase truncada, de carne delgada e endorcapo ósseo, 2-locular. Sementes duras, grandes, trigonas, sem endosperma.

Cultivada em todo o Brasil como ornamental. Trata-se porém, de planta altamente tóxica, em virtude da ação rápida e enérgica dos venenos narcóticos encontrados em seu látex e sementes.

CHICHÁ. — *Sterculia Chicha* St. Hil. (*Manettia curiosa* Vell., *Mateatia robusta* Vell.). — Bela árvore de caule altaneiro e ramosos grossos. Fôlhas cordiformes, largo-ovadas, 3 ou 5-lobadas, glabras na página superior e ferrugíneo-tomentosas na inferior. Flôres em panículas terminais, tomentosas, de côr amarela. Cápsula lenhosa, 1-locular, grande, semiglobosa e achatada, peluda internamente, contendo 7-8 sementes ovóides ou oblongas, grandes e escuras.

As sementes, depois de cozidas, são comestíveis, muito apreciadas pelo sabor, chegando mesmo a ser confundidas com a castanha do Pará (*Bertholletia excelsa* H.B.K.). Dão cêrca de 65% de óleo finíssimo, doce, ampliação na culinária, na indústria de sabões finos, na iluminação e lubrificação de peças delicadas. As fôlhas contusas, em cataplasmas ou emplastros, gozam de propriedades resolutivas. Madeira de qualidade inferior para obras, porém boa para pasta de papel.

Do Amazonas até o Rio de Janeiro e Goiás. Boia, no Rio.

CHICHÁ FEDORENTO. — *Sterculia foetida* Linn., da família da Esterculiáceas.

Árvore menor que a precedente. Fôlhas-pecioladas, digitadas, aglomeradas na extremidade dos ramos, com 7-9 folíolos oblongo-acuminados. Flôres vermelho-sujas, com um cheiro fético que lembra o do excremento humano. Cápsula grande, abrindo-se lateralmente, vermelho-aveludada internamente, com sementes pretas de 2 cm. de comprimento.

Natural da Índia e da Malásia. Introduzida no Brasil, como planta decorativa e de sombra, espalhou-se de tal modo que mais parece nativa.

Tem as sementes oleosas e, em geral, as mesmas propriedades dos demais chichás.

O mau cheiro das flôres desta planta deu origem ao nome do gênero *Sterculia*, dedicado a *Stercus*, deus pagão das imundícias, bem como ao específico *foetida*.

CHICÓRIA. — *Cichorum Endivia* Linn., da família das Compostas.

Erva carnosa, com fôlhas macias, oblongas e denteadas. Capítulos rotáceos de flôres azuladas. Aquênio miúdo.

Com duas raças ou sub-espécies distintas: as chicórias grisadas (*C.*

Endivia Linn. var. *crispa*), com folhas muito recortadas e crespas, e as chicórias lisas (*C. Endivia* Linn. var. *latifolia*), de folhas largas, inteiras,

Subarbusto lenhoso de folhas pecioladas, estipuladas, simples, alternas, fracamente denteadas e onduladas.

Folhas comestíveis.

Originária da região mediterrânea africana. No Rio Grande do Sul é também conhecida por *Almeirão*.

CHIFRE DE BODE. — *Machaerium angustifolium* Vog., da família das Leguminosas Papilionadas.

Árvore mediana, de tronco relativamente grosso, armado de espinhos retos e aos pares, cuja casca, quando ferida, exsuda uma resina vermelha. Folhas compostas de numerosos folíolos, quase sésseis, linear-oblongos, glabros, semipubescentes por baixo, com o ápice levemente retuso. Flores roxas muito caducas, dispostas em panículas.

Madeira mole, empregada no fabrico de carvão. Ornamental pelas flores.

América tropical meridional, inclusive Panamá. *Sete Casacas*, na Bahia; *Camboatá*, *Bico de Pato* ou *Mosquiteiro*, no Rio de Janeiro; *Bico de Pato*, em S. Paulo; *Jacarandá de Espinho*, em Minas Gerais.

CHIFRE DE CÃO. — *Martynia lutea* Lindl., da família das Martiniáceas.

Planta herbácea e viscosa, de caule carnoso, quase sempre prostrado. Flores amarelo-alaranjadas, grandes, infundibuliformes, aromáticas, em ráculos axilares. Cápsula bicornes, recurvada, pêndula, de pericarpo carnoso e coloração amarelo-esverdeada.

Brasileira e ornamental. Também *Chifre de Veado* e *Chifre do Diabo*. Deve seu nome vulgar á forma dos frutos.

CHORÃO. — *Acalypha Poiretti* Spreng. da família das Euforbiáceas, ovadas, verde e pilosas. Flores encarnadas dispostas em espigas.

Ornamental.

CHUCHU. — *Sechium edule* (Jacq.) Swartz. (*Chayota edulis* Jacq.) da família das Cucurbitáceas.

Planta vivaz de raiz tuberosa, hastes trepadeiras, hispídas, ramosíssimas, até 10 m. de comprimento, com gavinhas 3-5 fendidas. Folhas alternas, longo-pecioladas, profundamente cordiformes, 3-5 anguladas (lóbulos triangulares), membranosas, ásperas, grandes. Flores campanuladas, pequenas, amarelo-pálidas ou branco sujas, as masculinas em cachos axilares e as femininas solitárias ou geminadas. Pepônio obovóide, piriforme, verde, amarelo ou esbranquiçado, 5-sulcado e rugoso, provido de saliências ou es-

pinhos inermes, até 20 cm. de comprimento, com uma única semente oblonga e comprida.

Os frutos cozidos constituem legume de digestão fácil e refrescante para o tubo digestivo, porém, quase sem sabor e de pouco valor nutritivo. As raízes, na América Central, são largamente consumidas, cozidas ou fritas, como o mais fino e delicado dos tubérculos, mesmo depois que se lhe extrai a fécula, empregada na confecção de doces. As folhas e os frutos são forrageiros. Das hastes retira-se uma palha branco-árgentea, usada na chapelaria feminina.

Parece originária do sul do México e da América Central. Intruduzida no Brasil no século XVIII.

CHUMBINHO. — Nome comum das Sapindáceas:

1. — *Cardiospermum grandiflorum* Swartz. — Planta sarmentosa bem desenvolvida, perene, com fortes gavinhas. Folhas bi-ternadas, cada divisão com 3 folíolos denteados ou lobados. Flores grandes, brancas, pedunculadas, em corimbos vistosos. Cápsula oblonga, angulosa, entumescida, vesiculosa, deiscentes, 3 cilocular, cada lóculo com 1 semente preta, luzidia, envolta num arilo branco.

Ornamental. A infusão da raiz e da folha emprega-se como peitoral.

Cresce nas matas abertas e úmidas. América tropical e África. Todo o Brasil. *Erva de Vaqueiro*, em S. Paulo.

2. — *Cardiospermum Halicacabum*. Linn. *Cardiospermum microcarpum* H.B.K.) — Trepadeira de uns 5 m. de comprimento. Folhas bi-ternadas, 9 folíolos pequenos e denteados. Flores alvas, 4-6 mm., em racimos axilares. Cápsula trigona, alada nos ângulos, entumescida, visiculosa, deiscente, 3 ocuar com 1 semente em cada loja de cor preta, lisa, globosa, com mácula branca em forma de meia lua.

Ornamental. Sementes comestíveis. Acreditam os negros africanos que são ótimas para aclarar o entendimento e fortificar a memória.

Pantropical. Do Amazonas a S. Paulo. *Camapuna*, em Pernambuco; *Coração da Índia*, na Bahia. No Ceará, estas duas espécies são também chamadas de *Balãozinho*.